



FATAP
Faculdade de Tecnologia e Ciência do Alto Paraibá

LEONARDO ZUPELI FERNANDES

**AS DECISÕES NO PROJETO ARQUITETÔNICO COMO
MANIFESTAÇÃO DO INCONSCIENTE**

VITÓRIA

2022

LEONARDO ZUPELI FERNANDES

**AS DECISÕES NO PROJETO ARQUITETÔNICO COMO
MANIFESTAÇÃO DO INCONSCIENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito de aprovação
para a obtenção do título de Especialista
em Psicanálise clínica da Faculdade de
Tecnologia e Ciências Alto Paranaíba-
FATAP

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Baunilha

VITÓRIA

2022

RESUMO

O tema aborda a dinâmica entre o inconsciente e a arquitetura e as decisões que norteiam o projeto arquitetônico. Pretende ainda, relacionar sentimentos e emoções despertados ao vivenciar o objeto arquitetônico e seus espaços. Utiliza para tanto, a revisão bibliográfica com o objetivo de analisar e discutir o tema proposto sob a perspectiva da metapsicologia freudiana, isto é, a Psicanálise. Sua relevância, portanto, está na compreensão e discussão dos implicadores dessas decisões tomadas quando não estão de acordo com o real desejo e, ainda as possíveis consequências destas mesmas decisões.

Palavras-chave: Psicanálise. Arquitetura. Sintoma. Sujeito. Consumo.

1 INTRODUÇÃO

A Arquitetura nasceu nos primórdios da humanidade, quando o homem idealizava utilizar materiais naturais à sua volta, e moldá-los conforme sua necessidade e desejo. Inicialmente, a intenção era somente a proteção contra as intempéries (vento forte, tempestades, seca, calor tórrido, nevasca, etc.). Posteriormente, com o desenvolvimento da civilização, as técnicas construtivas também evoluíram, e foram construídas as habitações para abrigo do clã. Acresce que, com a intenção de conseguir favores dos deuses, são edificadas os primeiros locais de culto, depois templos e locais sagrados.

A revolução agrícola - período na história humana onde o homem passa a plantar ao invés de simplesmente colher vegetais para sua subsistência - fez com que o nomadismo diminuísse, o que levou as primeiras tribos a se assentarem em locais fixos. Surgem assim as primeiras aglomerações humanas, as aldeias.

Contudo, a hierarquia de posições sociais naquela sociedade, exaltando determinados serviços em detrimento de outros, faz com que a aldeia se torne cada vez mais complexa: surgem as cidades (BENEVOLO, 2011).

Com o desenvolvimento das artes, filosofia, ciências, a necessidade humana avançou junto, criando novas demandas e desejos para expressar a identidade daquela comunidade. Para João Rodolfo Stroeter (1986): “A arquitetura é uma das profissões mais antigas da história da humanidade”.

Derivando da junção das palavras gregas *arché* (que significa primeiro ou principal ou ainda “aquele que”) e *tékton* (que significa construção), Arquitetura é definida como “a arte de construir e decorar os edifícios” (ARQUITETURA, 2022).

Lúcio Costa, renomado arquiteto brasileiro, responsável pelo projeto do plano piloto da capital brasileira, diz que “Arquitetura é, antes de mais nada, construção, mas construção concebida com o propósito primordial de ordenar e organizar o espaço para determinada finalidade e visando determinada intenção” (LÚCIO COSTA, 1940, www.iabsp.org.br).

Por sua vez, Pallasmaa (2011) entende que a Arquitetura é a forma de expressão cultural de um povo, de forma que todos podem apreciar.

Diferentemente das outras expressões artísticas - escultura, literatura, música, pintura, teatro e fotografia - a arquitetura é democrática, acessível a todos, visível em qualquer local. Enquanto as demais artes necessitam de algo para estarem expostas (escultura e pintura, por exemplo), é a arquitetura que as abriga seja em um local fechado ou espaço aberto ao público, como numa praça ou espaço urbano desprovido de edificações.

O ofício de arquiteto busca traduzir o desejo e transferir o que é simplesmente um sonho, em algo palpável, exequível. A experiência profissional permite ao arquiteto acumular diversos casos, onde ora o cliente se coloca na condição de conhecedor de sua demanda, que conhece exatamente o que deseja e assim o planejamento (ou projeto) flui, ora não sabe o que quer do arquiteto, tornando a discussão cansativa e pouco produtiva.

Há ainda o tipo de cliente que são duas ou mais pessoas: um casal, um grupo de amigos e sócios de algum empreendimento ou mesmo uma família onde todos opinam igualmente. Na grande parte das reuniões, no entanto, o cliente já sabe o que deseja, mas se depara em situações que não concorda com algumas das ideias que o arquiteto propõe. É neste momento que acontecem as discussões de projeto, e essas reuniões são riquíssimas pois permitem alcançar um denominador comum entre o desejo do cliente e o desejo de satisfação dessa demanda, que é função do arquiteto.

O título “As decisões no projeto arquitetônico como manifestação do inconsciente” tenta mostrar que algumas dessas decisões no planejamento são

muitas vezes aceitas e recusadas pelo cliente, e busca trazer à tona algumas reflexões do que poderia estar por trás dessas decisões.

Segundo Arthur Schopenhauer (2002, p. 38), “não há prazeres verdadeiros sem necessidades verdadeiras”. Identificar nas necessidades aparentes e o que verdadeiramente se deseja e será útil na edificação, é um desafio.

Cada vez mais, há estudos de APO – Análise de Pós-Ocupação. Estes estudos que possuem metodologia específica, verificam, estudam e quantificam como os edifícios se comportam após a sua ocupação. Para Wolfgang Preisler (1988), a APO permite que os ambientes sejam analisados, comparados e avaliados após sua construção ou reforma e subsequente ocupação. É bastante comum encontrar edifícios, praças e mesmo ambientes ociosos em residências que não atendiam a verdadeiras necessidades do cliente. Desconectado de suas reais necessidades, muitas das decisões apenas tinham a intenção de atender necessidades externas, para agradar quaisquer um, exceto os usuários daquela edificação, isto é, os sujeitos que utilizarão aquele espaço.

O termo sujeito é assim definido pelo Dicionário de Psicanálise:

Termo corrente em psicologia, filosofia e lógica. É empregado para designar ora um indivíduo, como alguém que é simultaneamente observador dos outros e observado por eles, ora uma instância com a qual é relacionado um predicado ou um atributo. (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 148).

A Psicanálise criada por Sigmund Freud, aprofunda e estrutura o conceito de inconsciente e traz ainda luz a questões filosóficas como: Por que eu faço o que faço? O que realmente nos move? E assim, tenta responder alguns desses quesitos em especial na fase de planejamento de um projeto arquitetônico, através da interlocução entre Arquitetura e Psicanálise.

2 O ESPAÇO VAZIO

Define-se vazio como que nada contém, desocupado ou que não tem ocupantes (VAZIO, 2022). Espaço, por outro lado, pode ser definido como uma extensão limitada, um lugar (ESPAÇO, 2022). Espaço vazio pode ser compreendido, portanto, como um local envolto por algo que o delimita e o configura numa forma específica e este local está preenchido com nada.

Ao adentrar no ambiente, é através do vazio que a arquitetura é percebida. Sem o vazio, a experiência não pode ser vivida. Até mesmo praças, espaços abertos são espaços vazios que permitem a ocupação humana. “Estamos ao mesmo tempo dentro e fora do objeto”. (PALLASMAA, 2011).

As edificações e cidades nos permitem estruturar, entender e lembrar o fluxo amorfo da realidade e, em última análise, reconhecer e nos lembrar quem somos. A arquitetura permite-nos perceber e entender a dialética da permanência e da mudança, nos inserir no mundo e nos colocar no *continuum* da cultura e do tempo. (PALLASMAA, 2011, p. 67)

O homem é o reflexo do seu tempo e sociedade. Construções babilônicas no clima seco e árido, onde hoje é o Iraque, não cabem na selva amazônica de clima tropical e úmido. As técnicas construtivas estão adaptadas para o clima e geografia que determinada sociedade se consolidou. Para Pallasmaa (2011, p. 67) “a arquitetura reflete, materializa e torna eternas as ideias e imagens da vida ideal”. Essa idealização é no tempo e espaço, e também na sociedade onde a arquitetura é pensada e concretizada.

Juhani Pallasmaa (2011), arquiteto finlandês que busca inspiração da sua obra na simplicidade e abstração do desconstrutivismo moderno, define que a arquitetura tem uma função atemporal, que transcende o tempo. Inúmeros exemplos encontramos na história da humanidade, desde construções pré-históricas como menires e dólmens até construções modernas, passando pelas pirâmides egípcias, Grécia e Roma antigas, etc.

Essa função atemporal da arquitetura, prossegue Pallasmaa (2011), cria metáforas, isto é, comparativos existenciais que consolidam a vida humana, e assim, legitimando que o homem existiu, existe e existirá, através do desejo de imortalidade - inerente ao humano - que a Psicanálise descortina através do desejo de construir para a posteridade. Mostra que o sujeito tem o desejo de marcar o mundo e assim mostrar para as gerações futuras que ele existiu.

O vazio dentro da narrativa arquitetônica não existe e está cheio de diferentes sentidos (FUÃO, 2012). A percepção do espaço, o sentimento que aquele espaço proporciona ao sujeito está relacionado à sua subjetividade. Solidão, pertencimento, insatisfação, nojo, prazer, angústia são algumas das possíveis sensações que o espaço arquitetônico pode proporcionar.

Para Shirlei Zonis (2020) o questionamento sobre o espaço amplia a compreensão, trazendo para o olhar psicanalítico nesse sentido:

O que é um espaço vazio, sem alguém que o vivencie, percorra ou simplesmente olhe para ele? Sem esse sujeito, talvez tal espaço nem possa ser nominado ou exista de fato. Mais do que um vazio a ser preenchido, invólucro de nossas questões mais subjetivas, acredito que o espaço é, muitas vezes, palco de nossos conflitos. (ZONIS, 2020, p. 11).

A vivência nos espaços vazios é a experiência da arquitetura. O sentimento despertado no ambiente é única para cada sujeito, em determinado momento e determinada circunstância. Em outro momento e outra circunstância, outros sentidos serão despertados.

A conexão do sujeito que experiencia o ambiente arquitetônico está em consonância com o olhar e vivência do espectador e sua disposição para aquela situação específica. Uma pessoa ansiosa, dificilmente vivenciará toda a potência de um jardim perfumado e colorido.

Pallasmaa (2011, p. 30) ao relacionar a arquitetura com os sentidos humanos afirma que “à medida que as edificações perdem sua plasticidade e sua conexão com a linguagem e a sabedoria do corpo humano, elas se tornam isoladas no frio e distante do reino da visão”.

O filósofo alemão Arthur Schopenhauer nos traz que “cada um está preso à própria consciência como a própria pele, e vive imediatamente apenas nela” (SCHOPENHAUER, 2002, p. 5).

Adiante, na mesma obra, o filósofo afirma: “cada pessoa vê em outra apenas o tanto que ela mesma é, ou seja, só pode concebê-la e compreendê-la conforme a medida da sua própria inteligência” (SCHOPENHAUER, 2002, p. 204).

Quando a pessoa está envolvida com alguma situação que a aprisiona, dificilmente se coloca numa situação a enxergar outros pontos de vista, outras experiências.

Para o arquiteto Juhani Pallasmaa (2011) o sentido da visão é o sentido do observador solitário. O que ele vê, somente ele vê. Pertence à sua subjetividade e à sua vivência, e o faz enxergar o mundo com os olhos próprios. O sentido da audição também cria a conexão e é capaz de unir o espectador com o espaço arquitetônico. Nas palavras do finlandês: “nosso olhar perambula solitário nos vãos escuros de

uma catedral, mas os sons de um órgão nos fazem sentir imediatamente nossa afinidade com o espaço” (PALLASMAA, 201, p. 48).

Podemos então compreender que este fenômeno ocorre quando a subjetividade do sujeito conecta com a subjetividade do ambiente que ele se encontra, por assim dizer. O vazio torna-se, portanto, necessário para o encontro com o Eu.

Segundo Zonis (2020) o ambiente se torna o “palco para nossos conflitos”. Há pessoas que se emocionam num templo religioso, numa catedral gótica, por exemplo. Outros ainda podem ficar desconfortáveis em grandes centros urbanos, com muitas pessoas ao seu redor.

O que aquele tipo de ambiente desperta? Quais sentimentos estão envolvidos ao contemplar o objeto arquitetônico? A Psicanálise se ocupa a responder estes questionamentos trazendo à consciência elementos que estariam reprimidos no inconsciente.

3 ARQUITETURA E INCONSCIENTE

O continente europeu devastado pela Primeira Guerra mundial, entre 1914 e 1918, promoveu a ascensão dos nacionalismos (nazismo e fascismo). A quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque em 1929 levou à falência empresas americanas, favorecendo o desemprego e aumento da pobreza. Neste cenário de caos e desesperança Sigmund Freud publica *O Mal-estar na Civilização* ou *Mal-estar na Cultura* (a depender da tradução) em 1930.

Segundo Freud (2011) há uma dicotomia entre os impulsos pulsionais e a civilização. A humanidade no homem é negada pela civilização e pela cultura. Os impulsos sexuais, a agressividade, são elementos que devem ser reprimidos pelo homem para que a civilização e a cultura possam existir.

Utilizando a imagem da cidade como metáfora para exemplificar o inconsciente, o autor sustenta que “na vida mental nada que tenha uma vez sido criado pode perecer” (FREUD, 2011, p. 12).

No seu artigo *Arquitetura e o Inconsciente*, Christopher Bollas (2000) comenta esta analogia do fundador da Psicanálise:

Se desejássemos imaginar o inconsciente poderíamos fazê-lo visualizando Roma, de tal forma que se pudesse imaginar todos os seus períodos ao mesmo tempo – a Roma *Quadranta*, a *Septimontium*, o período do muro Sêrvio, e as muitas outras Romas dos imperadores que se seguiram. “Onde fica o Coliseu” escreve Freud, “poderíamos simultaneamente admirar a desaparecida Casa Dourada de Nero”.

Freud acaba abandonando esta metáfora porque, como o ao longo do tempo construções podem ser demolidas e outras erigidas em seu lugar, uma cidade não seria um exemplo adequado para falar daquilo que fica preservado atemporalmente no inconsciente.

Caso Freud tivesse sustentando esta metáfora um pouco mais, talvez, sua dialética teria funcionado. O esquecimento é, de fato, parte da vida inconsciente do homem. Tanto que, dependendo de como se deseje olhar Roma, podemos ver tanto o que foi preservado como o que foi destruído. (BOLLAS, 2000, p. 22).

Sob o ponto de vista da Psicanálise, os sonhos se mostram como reflexos do nosso cotidiano consciente (FREUD, 1900). Caso o desejo não seja realizado, este desejo é reprimido para o inconsciente. O sonho é, portanto, a realização de um desejo proibido ou negado. Freud comenta na sua obra *A Interpretação dos Sonhos*:

O inconsciente é o círculo maior que encerra em si mesmo o círculo menor do consciente; tudo consciente tem uma fase preliminar inconsciente, enquanto o inconsciente pode permanecer nessa fase e, contudo, reivindicar o valor pleno de uma atividade psíquica. (FREUD, 1900, p. 666).

Neste livro, Freud traz diversos exemplos de sonhos que seriam a manifestação do inconsciente de elementos psíquicos outrora recalcados pelo sujeito, e afirma “O sonho revelaria, assim, a natureza verdadeira do ser humano, embora não toda a sua natureza, e seria um dos meios de tornar acessível ao nosso conhecimento o interior oculto da psique” (FREUD, 1900, p. 101).

Há, entretanto, outras formas que no dia a dia do indivíduo normal, o inconsciente se manifesta através dos atos falhos, dos erros de fala, o esquecimento e troca de nomes. Estes temas foram abordados na obra *Psicopatologia da vida cotidiana* (FREUD, 1901).

Em *O Chiste e sua relação com o inconsciente*, Freud (1905) discute a relação do chiste, o riso e ainda comentários cômicos como forma do inconsciente se manifestar.

Porém, já nas primeiras obras, Sigmund Freud relata que ao atender pacientes histéricos, descobre os sintomas físicos como manifestação do inconsciente. A manifestação através desses sintomas deveu-se a repressão de

sentimentos que causariam dor e angústia, sofrimento este que o próprio sujeito impõe a si mesmo (FREUD, 1893-1895).

Estes sintomas podem vir à consciência ou se manifestar por emoções, aversões, raivas, angústia sem qualquer explicação, seja deslocado para uma pessoa, ação ou coisa. O sintoma ainda pode ser projetado da mesma forma em alguém ou um objeto. Em *Totem e tabu*, Freud amplia esse conceito:

O impulso inconsciente não precisa ter surgido no ponto em que faz seu aparecimento: pode surgir de uma outra região inteiramente diferente e haver aplicado originalmente a outras pessoas e conexões completamente diferentes; pode ter atingido o local em que chama a nossa atenção através do mecanismo do deslocamento. (FREUD, 2013, p. 49).

Projeção no sentido psicanalítico, é a ação na qual o sujeito expulsa de si e localiza (projeta) no outro – pessoa ou coisa – sentimentos, desejos, qualidades ou até mesmo objetos que ele desconhece ou nega em si mesmo (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 373).

Tanto o sujeito-cliente, como o sujeito-arquiteto fazem a projeção. Neste sentido, Christopher Bollas (2000) diz:

Mesmo que a obra seja proveniente do idioma conhecido de seu arquiteto – e isto fica claro num Le Corbusier ou num Mies Van der Rohe – ela passa também através de muitas imagens mentais, derivadas de vários fatores, que serão parte da direção inconsciente do projeto do arquiteto. (BOLLAS, 2000, p. 11).

Ressalta Fuão (2004, p. 12) que “o sentido do espaço só existe a partir da experiência do ‘eu’”. O sentido do espaço não está no interior da arquitetura, na relação utilitária entre luz e sombra, fora e dentro ou ainda nas paredes estáticas. O sentido do espaço está muito além da sua superfície, está no interior de quem o vivencia, no “Eu”.

Segundo o Vocabulário de Psicanálise, o Eu é: “instância que Freud, na sua segunda teoria do aparelho psíquico, distingue do id e do superego” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 124). Encontramos ainda no Dicionário de Psicanálise que o Eu é um “termo empregado na filosofia e na psicologia para designar a pessoa humana como consciente de si e objeto de pensamento” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 210).

“O desejo inconsciente tende a realizar-se restabelecendo, segundo as leis do processo primário, os sinais ligados às primeiras vivências de satisfação” (LAPLANCHE; PONTALIS 2001, p. 113). É no primeiro contato, “nas primeiras entrevistas com o cliente de um projeto arquitetônico” que o projeto arquitetônico começa a ser executado (ZONIS, 2020, p. 11). O arquiteto deve investigar as necessidades subjetivas do cliente. Algo o trouxe até o profissional, seu desejo de construir, reformar, melhorar ou refazer; seja o que for que se deseja, sempre será o desejo que impulsiona o sujeito.

Buscando exemplificar essa investigação, Zonis nos fala:

Há também o aspecto de que a sala acaba sendo um espaço em que negociamos espaço. Deve haver lugar para todos que lá estarão se utilizando dela, compartilhando-a. Quantas e quantas vezes surge a discussão em torno do que importa mais, se o futebol ou o papinho com os (as) amigos (as). São essas negociações que acontecem nas reuniões com os clientes, porque, difíceis de resolver, foram adiadas para quando contassem com um mediador mais isento. E quem é esse mediador? O arquiteto, ora bolas...

Momentos como esses, antes de serem vistos como uma saia justa, podem ser uma grande oportunidade de balancear as demandas e fazer do projeto algo de que o cliente se apropria, bem longe do projeto de revista, que atende a um sonho sonhado por um estranho. Afinal, o que queremos da sala em nossas vidas? Eu diria: ocupa-las com nossos espaços internos. Minha sala, minha vida! (ZONIS, 2020, p. 53).

Nem sempre o desejo está claro, e, “muitas vezes ele precisa ser percebido em sintomas e pequenos sinais, nos silêncios e não ditos do cliente” (ZONIS, 2020, p. 11). E prossegue acerca dos não ditos do cliente:

[...] são demandas mudas, por estarem nas entrelinhas daquelas externadas de forma convencional, por vezes mal expressas e deslocadas. A ênfase em algum ponto que, num primeiro momento, pode parecer despropositada ou gerar desconforto vai revelando o que de mais importante está para ser colocado. Estar atento aos detalhes dessa anamnese é fundamental. Neles, se revelam os desejos inconscientes, o recalcado, o estranho. Enfim, o que fará desse novo espaço uma habitação realmente personalizada, mais harmônica e plena de sentido. (ZONIS, 2020, p. 11).

O poder de materializar seu desejo, gera expectativa no cliente que pode não ser atendido, ou mesmo ser de forma superficial. Caso isso ocorra, a realização do desejo não será satisfeita, e “o projeto pode perder seu sentido mais essencial” (ZONIS, 2020, p 12).

Não somente o cliente pode se frustrar, mas também o arquiteto quando descobre que as verdadeiras necessidades estiveram distantes do real desejo do cliente. Ou numa situação mais constrangedora, o cliente busca outro profissional e talvez ocorra de o projeto anterior ser descartado.

Mais que instrumento para a realização de um desejo ou objeto de consumo a ser devorado, o arquiteto pode tornar-se interlocutor de um diálogo em que projeções vêm à tona e realizações extravasam a barreira de superegos por anos construídos. (ZONIS, 2020, p. 12).

Da mesma forma que as demais artes – escultura, pintura, literatura, fotografia, teatro e música – revelam o oculto, o mundo interno e o inconsciente do artista, a arquitetura também dá sentido ao vazio “cheio de segredos do eu que a ocupa” (ZONIS, 2020).

Largura, comprimento e altura são as três dimensões conhecidas e utilizadas na construção civil e envolvidas no processo de projeção. Zonis (2020, p 12) propõe que a Psicanálise poderia enriquecer esse processo, em especial, se ambos os sujeitos (arquiteto e cliente) estiverem “em sintonia e percepção de seus envolvimento”.

Juhani Pallasmaa (2011) afirma que durante o processo de projeção, de planejamento, o arquiteto aos poucos vai internalizando o contexto das necessidades, as funcionalidades dos espaços, da paisagem do terreno, no caso de uma construção nova, além da edificação como um todo.

Pallasmaa ressalta ainda que “movimento, equilíbrio e escala são sentidos de modo inconsciente por todo o corpo”. Há prazer e também proteção quando o corpo sente o espaço, da mesma forma que outros sentidos são tocados quando outras artes se fazem presente:

[...] o fluxo agradável e animado de uma música é inconscientemente transformado em sensações corporais, a composição de uma pintura abstrata é experimentada como tensões no sistema muscular, e as estruturas de um prédio são inconscientemente imitadas e compreendidas pelo esqueleto. (PALLASMAA, 2011, p. 63).

Inconscientemente, ou seja, “sem saber” utilizamos o corpo físico para viver elementos arquitetônicos. É interessante pensar que ao estar diante de algo monumental, grande, a reação é exatamente parar e admirar: o estado estático

diante de uma catedral, sendo envolvido pela mística e grandeza daquela obra “vazia”.

A gravidade sempre foi a força natural que limita a arquitetura, mas também reforça a experiência da dimensão vertical do mundo, como afirma Pallasmaa (2011). Ela é a essência de todas as estruturas arquitetônicas e estas se tornam conscientes da existência dessa força ao serem observadas ao mesmo tempo que “ela nos faz sonhar com a levitação e o voo” (PALLASMAA, 2011, p. 64).

O desejo da imortalidade, mencionado acima é na verdade o desejo de não morrer. O médico psiquiatra brasileiro Joel Birman (2002) nos traz:

[...] diante da morte como possibilidade e imperativo real da condição humana, o psiquismo se valeria de duas modalidades complementares para sua evitação e regulação, quais seja, a erotização e a sublimação. (BIRMAN, 2002, p. 114).

E prossegue afirmando que “erotizar seria uma forma verbal intransitiva do psiquismo no qual esse se oporia ao movimento do ser para a morte” (BIRMAN, 2002, p 114).

Shirlei Zonis (2020, p. 35) propõe que: “o desejo e a necessidade, dar destino a nossas pulsões, sublimar em criações ou escolhas vem sendo substituído pela erotização na busca da solução ideal, na compra no consumo do espaço”

O médico psiquiatra e psicanalista brasileiro Jurandir Freire Costa afirma que a indústria do consumo seria o responsável pela insatisfação. “Induzir os indivíduos a se convencerem de que comprar objetos traz felicidade é tão fantasioso quanto oferecer água a quem tem sede de justiça” (COSTA, 2004, p. 135).

Desde a Revolução Industrial, quando o artesanato foi substituído pelos produtos mais acessíveis, a necessidade de evacuar das indústrias o que era produzido, criou na sociedade a necessidade do consumo, a ideia de que sem aquele objeto a felicidade seria impossível (COSTA, 2004).

Assim sendo, a produção arquitetônica vem sendo consumida como se fosse um objeto de consumo, e em alguns aspectos até mesmo desnecessário, resultando em edificações inteiramente desnecessárias, praças e espaços públicos construídos sem utilização, além de ambientes totalmente ociosos, como cita Preiser (1988). Nos termos de Jurandir Freire Costa (2004), o objeto arquitetônico foi imposto, induzido. A arquitetura sendo encarada como um objeto de consumo, muitas vezes está

perdendo seu valor funcional e valorizando apenas seu lado estético, de consumo rápido. Isso gera a falsa sensação de felicidade, de prazer (ZONIS, 2020).

Acresce que a busca imediata da satisfação dos impulsos humanos, isto é, o princípio do prazer postulado por Freud, é o que guia o id. Encontramos no Vocabulário da Psicanálise que princípio do prazer é:

Um dos princípios que, segundo Freud, regem o funcionamento mental: a atividade psíquica no seu conjunto tem por objetivo evitar o desprazer e proporcionar o prazer. É um princípio econômico na medida em que o desprazer está ligado ao aumento da quantidade de excitação e o prazer à sua redução. (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 364).

“A beleza é fundamental” nas palavras do poeta Vinícius de Moraes. Beleza, ou melhor, a estética bela no objeto arquitetônico é essencial. No entanto, quando ela é o principal – senão o único – fator que direciona o projeto arquitetônico, o objeto final acaba por se tornar disfuncional, ocioso, desnecessário e não atende às reais necessidades do cliente. Portanto,

há clientes que querem consumir a casa, ingeri-la e obter dela o prazer, o alívio para sua dor. Esse consumo nos leva a refletir sobre a compulsão sempre insatisfeita, moto-contínuo de busca de alívio. [...] Espaço reconhecido seria o coletivamente conhecido, duradouro. Francamente útil, perene, o oposto do fugaz. Como vivemos no mundo padronizado pela crescente globalização, esse espaço é cada vez mais almejado como um local onde os indivíduos imitam seus ídolos e referências. E a mídia faz desses ídolos vencedores a serem cultuados e rapidamente substituídos para atender exatamente à mola compulsiva. (ZONIS, 2020, p. 33).

Espaços “da moda” que são completamente descartáveis, são como objetos de consumo sazonais e completamente fora do acesso a todos. Buscam apenas ser reconhecidos como tendências, sendo rapidamente substituídos por outros. São espaços e construções ainda, com valores altíssimos, inacessíveis por grande parte da população.

Em situações mais práticas, Shirlei Zonis depõe sobre si mesma:

Quantas vezes aliviamos angústias procurando consumir nossas paixões... Eu mesma posso dizer que entrar numa loja de sapatos funciona como um analgésico potente para uma aflição. Mas, como todo analgésico, ele se destina ao consumo rápido. Ou seja, a dor volta e há que se prestar atenção nela – ou seguir atrás de sapatos, compulsivamente. (ZONIS, 2020, p. 33).

A Psicanálise contribui para a percepção de situações onde as dores e angústias podem ser deslocadas para outro objeto, ou mesmo outro sujeito. Um dos conceitos freudianos mais conhecidos é a Sublimação. Este mecanismo busca explicar as atividades humanas aparentemente desvinculadas da pulsão sexual, mas que encontrariam ali seu elemento propulsor. Na opinião de Birman (2002, p 114), sublimar “implicaria a reutilização da força pulsional, agora erotizada, na criação de novos objetos de satisfação possível”.

A atividade artística e a investigação intelectual seriam as principais atividades sublimadoras (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001). “Diz-se que a pulsão é sublimada na medida em que é derivada para um novo objetivo não sexual e em que visa objetos socialmente valorizados” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 494).

Em *O Mal-estar na Civilização* a sublimação é sinalizada como a forma de maturidade cultural. Sem a sublimação, a civilização (e também a cultura) não poderiam existir. Para o autor, a sublimação seria o processo de desviar os instintos sexuais em atos de maior valor social sendo “uma característica especialmente notável do desenvolvimento cultural; é o que possibilita que atividades psíquicas superiores, científicas, artísticas ou ideológicas desempenhem um papel tão importante” (FREUD, 2011, p. 42).

A produção artesanal, o trabalho meticuloso na decoração, no desenho de grades de ferro retorcido de décadas atrás, o esmero na escolha das janelas e portas, estes elementos arquitetônicos expressos de forma criativa seriam “possibilidades de sublimação” (ZONIS, 2020, p. 36).

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2021) na década de 1990, cunhou o conceito de modernidade líquida relacionando as novas relações humanas com a fluidez de líquidos que se esvaem pelos dedos das mãos quando se tenta segurar.

Esse pensamento contemporâneo onde, é mais importante o exterior, o que se mostra através de redes sociais, exaltando o belo e feliz, faz com que muitas pessoas, desconexas de si mesmas, busquem mostrar uma realidade ideal que diverge da ideal realidade. E, este pensamento permeia também a arquitetura.

A famosa frase atribuída a Louis Sullivan que “a forma segue a função”, definiu e orientou a produção arquitetônica modernista. Para Stroeter (1986, p. 206) “a forma segue, entre outras coisas, a moda e a fantasia” e este é o pensamento que orienta a produção arquitetônica pós-moderna.

Analisando o pós-modernismo, o autor afirma ainda que na construção, o que subleva é o efeito obtido. (STROETER, 1986).

Atualmente há o mito social da casa inteligente. O sonho da casa onde o indivíduo não dependeria de nada do convívio externo para ser feliz, pois sua felicidade está dentro de casa. Não é mais necessário ir ao cinema pois a televisão tem os filmes. A comida congelada pode ser preparada acionando o micro-ondas (a distância, muitas vezes) e assim, possível estar com a comida pronta ao chegar em casa. Uma trilha sonora condizente com o estado de humor e internet disponível garantem o final da noite (ZONIS, 2020).

Para Gustavo Barcellos (2008, p. 6), “todos os dias, em algum nível, o consumo atinge nossa vida, modifica nossas relações, gera e rege sentimentos, engendra fantasias, aciona comportamentos, faz sofrer, faz gozar”.

A sociedade de consumo nos impõe o consumir e descartar o que não atende mais a expectativa ou simplesmente porque há algo mais novo, mais contemporâneo. Seja um bem, sejam pessoas.

Gustavo Barcellos prossegue relatando que o consumo age “às vezes constringendo-nos em nossas ações no mundo, humilhando e aprisionando, às vezes ampliando nossa imaginação e nossa capacidade de desejar, consumimos e somos consumidos” (BARCELLOS, 2008, p. 6).

O modo de vida atual, a sociedade neoliberal de consumo, o pensamento antropológico de modernidade líquida, a pulsão sexual que é inerente ao homem e a erotização objetal em especial a do objeto arquitetônico, são, nesse sentido, os responsáveis por este turbilhão que move a sociedade contemporânea, colocando tanto o arquiteto como o cliente nessa condição de perpetuar o modo de vida que estamos inseridos (ZONIS, 2020).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi discutir e refletir acerca da relação subjetiva entre os dois principais atores no projeto arquitetônico: o sujeito-arquiteto e o sujeito-cliente sob a luz da Psicanálise. O estudo não tem a pretensão de estabelecer regras ou a criação de métodos para lidar com clientes ou atendê-los melhor, mas sim reflexões acerca destas decisões em projeto.

Foi pesquisado documentos, livros, artigos, *sites* na *internet* onde pôde ser observado a relação entre o inconsciente sob a perspectiva freudiana e a arquitetura. O universo da arquitetura e sua preocupação com o ambiente humano construído e a Psicanálise - estudo da vida mental inconsciente - se entrecruzam, como foi possível constatar nas obras de diversos autores.

A felicidade é prometida através do luxo, do conforto e de necessidades midiáticas e todos estão envolvidos nessa engrenagem. Essa falsa felicidade, vem da imposição do consumo, onde consumindo somos consumidos (BARCELLOS, 2008). A necessidade em possuir um novo produto recém lançado é imposta pelo consumismo. Exibir o que se compra, o que se come, e mesmo um novo relacionamento passou a ser quase uma regra na sociedade atual.

O desvio da pulsão sexual tanto quanto ao objeto quanto à meta, dá-se o nome de deslocamento:

Processo psíquico inconsciente, teorizado por Sigmund Freud sobretudo no contexto da análise do sonho. O deslocamento, por meio de um deslizamento associativo, transforma elementos primordiais de um conteúdo latente em detalhes secundários de um conteúdo manifesto. (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 148).

A necessidade imposta pelo consumismo chega até a arquitetura. O deslocamento da libido, nesse sentido, está no objeto arquitetônico: seja uma casa nova, um consultório que teve uma reforma ou escritório recém decorado com mobiliário e iluminação contemporâneo.

A fonte de excitação sexual foi deslocada para o objeto arquitetônico, onde este agora torna-se fetiche tanto para o sujeito-cliente como para o sujeito-arquiteto (ZONIS, 2020).

A exposição do objeto arquitetônico torna-se uma regra tanto para o cliente como para o arquiteto. Se não for exibido não tem valor. Sem essa exibição, não há prazer. Sem o prazer, não há felicidade.

Este deslocamento pode ainda se dar através da escolha do terreno em bairros nobres ou condomínios de luxo que garantem maior visibilidade. Até mesmo a necessidade de reformar ou a transformação do uso de um determinado espaço são decisões que movem o sujeito sem ele saber o motivo, quando lança mão do mecanismo do deslocamento de sua pulsão sexual tanto quanto à meta quanto ao objeto.

Muitas vezes, a escolha da nova moradia se dá num folhear de revista ou pesquisa rápida na internet. Uma escolha aparentemente coerente com seu desejo íntimo, no entanto, desconexas de suas reais necessidades, seu desejo. O que foi conveniente para outra subjetividade, outra circunstância, outra cultura, não necessariamente atendem às demandas internas do pesquisador (ZONIS, 2020).

Quanto mais tecnológico, belo, inacessível e no termo contemporâneo “instagramável” for o objeto arquitetônico, mais idealizado, mais fetichizado, mais erotizada ele o será.

O objeto arquitetônico só teria valor, nesse contexto, se for possível divulgá-lo, exibi-lo, erotizá-lo. No entanto, isso leva a um custo: “na medida em que essa criação é padronizada, estandardizada, o mecanismo de sublimação proveniente do antigo caráter artesanal de fabricação do objeto é deixado de lado” (ZONIS 2020, p. 33).

Como consequência, a produção arquitetônica fica uniformizada, sem personalidade, indo na contramão da função da arquitetura, onde a mesma forma permite diversas funções, o objetivo principal da edificação – seja uma construção ou reforma - passa meramente a sua exibição, sua fetichização, sua erotização.

Conclui Zonis (2020, p. 55) que “o conhecimento dos desejos e da alma do sujeito que será nosso cliente é uma leitura necessária”. E ao chamar atenção para o que seria a quarta dimensão da arquitetura, isto é, “o caminho mais curto para fazer com que a expectativa e o resultado do projeto estejam próximos” (ZONIS, 2020). Na concepção da autora, sintonia e percepção seriam a quarta dimensão, que transcende as três e as perpassa ao mesmo tempo, trazendo o olhar sensível da necessidade, do desejo real do cliente no seu projeto desejado.

Frente a amplitude das questões acima mencionadas, fica registrado o desejo que essas pequenas reflexões, que não são capazes de esgotar o tema discutido, venham a incentivar a novas pesquisas e discussões com outros pesquisadores e pensadores do tema proposto, provocando assim outros questionamentos e debates que resultem não apenas em mais estudos, mas também no desenvolvimento e melhoria da prática nas clínicas de Psicanálise e também nos escritórios de arquitetura, com o intuito de buscar menos explicações e muito mais compreensões sobre o “não dito” do sujeito.

5 REFERÊNCIAS

ARQUITETURA. In: **DICIO, Dicionário online de Português**. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/arquitetura/> Acesso em: 13 julho 2022.

BARCELLOS, Gustavo. A alma do consumo. **Le Monde Diplomatique Brasil**, 4 dez. 2008. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/a-alma-do-consumo>. Acesso em: 06 julho 2022.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. São Paulo. Zahar. 2021.

BENEVOLO, Leonardo. **História das cidades**. São Paulo. Perspectiva. 2011.

BIRMAN, Joel. Fantasiando sobre a sublime ação. In: BARTUCCI, Giovanna (Org.). **Psicanálise, arte e estéticas de subjetivação**. São Paulo: Imago, 2002.

BOLLAS, Christopher. A arquitetura e o inconsciente. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental [online]**. 2000 v.3, n.1. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1415-47142000001003>. Acesso em: 30 junho 2022.

COSTA, Jurandir Freire. **O vestígio e a aura**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

EPICTETO. **A Arte de Viver**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Sextante, 2018.

ESPAÇO. In: **DICIO, Dicionário online de Português**. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/espaco/> Acesso em: 30 junho 2022.

FREUD, Anna. **O ego e os mecanismos de defesa**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FREUD, Sigmund. Obras completas, volume 4: **A Interpretação dos Sonhos**. (1900). 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FREUD, Sigmund. Obras completas, volume 2: **Estudos sobre a histeria**. (1893-1895). 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund. Obras completas, volume 7: **O chiste e sua relação com o inconsciente**. (1905). 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Penguin Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. Obras completas, volume 5: **Psicopatologia da vida cotidiana e sobre os sonhos**. (1901). 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu e outros trabalhos**. São Paulo: Penguin Companhia das Letras, 2013.

FUÃO, Fernando Freitas. **Arquitetura e vazio**. Disponível em: <https://fernandofuao.blogspot.com/2012/10/arquitetura-e-vazio.html>. Acesso em: 29 jun. 2022.

FUÃO, Fernando Freitas. O sentido do espaço. **Em que sentido, em que sentido?** 1ª parte. Arqtextos. Disponível em: https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_3-4/03_Fernando%20Freitas%20Fu%C3%A3o.pdf. Acesso em: 29 junho 2022.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele: A arquitetura e os sentidos**. Porto Alegre: Bookman, 2011.

PREISER, Wolfgang F.E. **Post-occupancy evaluation**. New York: Van Nostrand Reinhold, 1988.

ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Aforismos para a Sabedoria de Vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2002

STROETER, João Rodolfo. **Arquitetura & Teorias**. São Paulo: Nobel, 1986.

VAZIO. In: DICIO, **Dicionário online de Português**. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/vazio/> Acesso em: 30 junho 2022.

ZONIS, Shirlei. **Arquitetura no divã: a quarta dimensão do espaço**. São Paulo: Olhares, 2020.